

Alexandre Vieira

PARA A HISTÓRIA  
DO SINDICALISMO  
EM PORTUGAL



colecção seara nova



## O APARECIMENTO DO DIÁRIO OPERÁRIO A BATALHA

Após Monsanto, voltaram as instituições sindicalistas a exercer regularmente a sua actividade, desde Novembro seriamente conturbada, tendo sido então que a U. O. N., por intermédio de um grupo de delegados seus, cheios de fé e de audácia <sup>(1)</sup>, meteu ombros à empresa, que a muitos pareceu temerária, da fundação de um diário operário, jornal que viria a intitular-se *A Batalha*.

ANO I - N.º 1

PREÇO, 2 CENTAVOS

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1919



ASSOCIAÇÃO PRINCIPAL  
Alexandre Vieira  
\*\*\*\*\*  
Joaquim Cardoso

Propriedade de Leite Operário, S.ª  
Lisboa de Março de 1919  
\*\*\*\*\*  
DIRETOR RESPONSÁVEL - Joaquim Cardoso  
Redacção - Lisboa - Rua de Toledo, 1

# A BATALHA

DIÁRIO DE LUTA - FOLHA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Saiu o primeiro número desta a 23 de Fevereiro de 1919. E se o nosso nome aparece como o do seu primeiro redactor-principal não é porque houvéssemos partilhado do entusiasmo que animava aquele grupo, o que realmente não sucedia, apesar de não sermos das criaturas

<sup>(1)</sup> Constituíram esse grupo: Raul Neves Dias, Pinto Quartim, Eduardo Freitas, Hilário Marques, Perfeito de Carvalho, José António de Almeida, Francisco Cristo e Joaquim Cardoso, o primeiro e os cinco últimos desaparecidos do número dos vivos até ao momento em que findamos o presente volume.

menos optimistas, mas porque, secretário-geral da U. O. N., entenderam os nossos amigos, por essa razão, que não deveríamos deixar de assumir o espinhoso cargo, o que fizemos deveras contrariado. Felizmente enganámo-nos nos nossos vaticínios (1).

---

(1) Quando dizemos que nos enganámos nos nossos vaticínios é porque não supúnhamos que *A Batalha* resistisse não só ao assédio que governantes e capitalistas lhes viriam a fazer, como efectivamente sucedeu, mas também porque sendo já naquele tempo a manutenção de um diário, com as características do novo, empresa que demandava, do ponto de vista económico, sacrifícios enormes, não concebíamos que o proletariado português conseguisse desenvolver o seu porta-voz dos encargos a que potentes organizações sindicalistas estrangeiras não têm logrado eximir-se.

Como redactor-principal de *A Batalha* foi o A., por vezes, alvo de ataques sérios, de que participaram quase todos os seus companheiros de redacção, podendo mesmo considerar-se um paroqueano com sorte, por não ter sido atingido mortalmente quando de um deles.

Ocorreu esse na sala de trabalho do diário, a altas horas da madrugada, numa ocasião em que nos encontrávamos ali apenas com um dos redactores, o falecido confrade Augusto Machado, por os restantes já se terem retirado. Inopinadamente foi a redacção invadida por muitos «patriotas», um dos quais, que não nos conhecia pessoalmente, mas sabia que usávamos óculos (menos quando escrevemos, o que ele ignorava), na persuasão de que alvejara o redactor-principal, desfechou a sua pistola sobre a cabeça do nosso aludido confrade, que usava invariavelmente óculos, tendo-o atingido na lapela do casaco, ao mesmo tempo que, em consequência de haver perdido os sentidos, era derrubado, enquanto nós, na outra extremidade da sala, nos defendíamos atrás da nossa mesa de trabalho.

Em face do alvoroço provocado pelos arruaceiros, foi a redacção invadida pelos camaradas tipógrafos, que trabalhavam na sala contígua, havendo os «patriotas» retirado perfeitamente à vontade, convencidos de que tinham atingido a nossa pessoa.

Não foi esse aliás o único assalto, pois outros houve, tendo sido mesmo como resultado do último que desapareceu o diário operário, assalto levado a cabo por um numeroso grupo de «patriotas», constituído por gente da P. I. D. E., armada e à paisana, que destruiu a oficina de composição, a redacção e a administração.